



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13050 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT15 - Educação Especial

RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Rosana Carla do Nascimento Givigi - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Erica Daiane Ferreira Camargo - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Giovanna Santos da Silva - UFS - Universidade Federal de Sergipe

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Resumo: Ao longo do tempo, a relação entre a família e a escola, passou por inúmeras transformações. Historicamente essas transformações ocorreram em sincronia com as mudanças da sociedade. As dificuldades na relação entre a família e a escola tem sido objeto de estudos, especialmente quando o aluno é público alvo da Educação Especial. O objetivo desse estudo foi analisar a relação entre a família e escola de crianças com deficiência, e, sua influência no processo de inclusão escolar. Metodologicamente partiu-se da Rede de Significações articulada com a matriz sócio-histórica. Participaram 4 (quatro) crianças com deficiências, suas famílias e escolas. O corpus deste artigo foi constituído pelos relatórios, de 3 (três)anos, dos atendimentos as crianças, dos encontros com a família, e encontros com a escola. Como resultados, constata-se que: as crianças com deficiência fazem parte de famílias monoparentais femininas, mães sobrecarregadas por assumirem sozinhas o cuidado com os filhos; que há falhas na relação dialógica entre a família e a escola, provocando um distanciamento entre as duas; que as crianças com deficiência são invisibilizadas na família e na escola, não se constituindo enquanto sujeitos desejantes. Conclui-se que, a reflexão sobre essa relação pode disparar novas práticas que dialoguem com essas experiências.

Palavras-chave: Educação Especial, Escola, Família.

INTRODUÇÃO

A família contemporânea passa por um contínuo processo de construção de identidade que está ligado a múltiplos fatores, destacando-se os sociais, culturais, econômicos e emocional-afetivos. Além dos fatores citados, cada família vai se construindo de acordo com as trajetórias específicas de seus membros (ALMEIDA; FORNASIER, 2022).

Sendo, na maioria das vezes, o primeiro grupo social que o sujeito faz parte, a família é considerada a primeira instituição formadora do ser humano. No entanto, os estudos da Antropologia e da História apresentam a instituição família levando em conta diferentes momentos históricos e diferentes sociedades (ALMEIDA; FORNASIER, 2022).

Num retorno histórico Ariès (2006) conta que no século XI não havia lugar para a infância. A aprendizagem se fazia na prática, em meio aos afazeres do dia-a-dia. O papel da família se restringia a proteger a vida, exercer um ofício, sem necessariamente o estabelecimento de relações de afeto. Até o século XVII os modelos de família eram de uma sociedade que não conhecia e nem representava a infância. O modelo nuclear de família data do século XVIII.

Foi a modernidade que reposicionou o lugar da criança. Com a privatização do espaço familiar e a intensificação das noções de cuidado, proteção, estímulo ao desenvolvimento. Houve a separação da criança do mundo dos adultos passando a criança a frequentar espaços especialmente criados para sua educação e desenvolvimento, no caso, a escola. Quanto a relação escola e família, Ariès (2006) ressalta que foi a escola, enquanto instituição, que estreitou os laços familiares, colocando a criança num lugar de importância, estabelecendo que os adultos deveriam designar maior cuidado/atenção aos infantes.

No Brasil, principalmente a partir do movimento da Escola Nova, as perspectivas educacionais também iriam fomentar modificações nas relações parentais. Havia regras concernentes as melhores maneiras de se educar uma criança, convocando os pais à essa responsabilidade. Paradoxalmente o Estado e a escola, eram os detentores do saber educacional e professor ganhava status de autoridade inquestionável (TREVISAN, 2021).

Diante da complexidade da relação entre família e escola torna-se necessário compreender o modo que se constitui essa relação. A temática tem sido objeto de muitos estudos, e nesses destacam-se os desafios dessa relação, especialmente quando o aluno em questão é público alvo da Educação Especial (ALMEIDA; FERRAROTTO; MALAVASI, 2017).

A discussão será a partir dos dados da pesquisa desenvolvida no período de 3 (três). As seguintes questões sustentaram essa pesquisa: Como se dá a relação da família dos alunos com deficiência com a escola? Como essa relação é retratada no campo da Educação Especial? Sendo assim, o objetivo deste trabalho foi analisar a relação entre a família e a escola de crianças com deficiência, e, sua influência no processo de inclusão escolar.

METODOLOGIA

Metodologicamente partiu-se da Rede de Significações (RedSig) articulada com a matriz sócio-histórica. Essa articulação compreende os aspectos sociais, econômicos, políticos e históricos em um ciclo de vida. Na [...] “metáfora de rede reside na ideia de relações, de entrelaçamento, na multiplicidade de fios de interligação em combinações pluridimensionais” (ROSSETTI-FERREIRA; AMORIM; SOARES-SILVA, & OLIVEIRA., 2008, p.152).

PARTICIPANTES DA PESQUISA

Os critérios para seleção dos participantes foram: 05 a 15 anos de idade e com deficiência. Para esse artigo foram selecionados quatro sujeitos e, por conseguinte, suas famílias e escolas. A seguir segue o quadro 1 com a descrição dos participantes e a situação familiar.

(Quadro 1 no final do texto)

SÍNTESE DAS ETAPAS

O processo se constituiu das seguintes etapas: Atendimento semanal a criança numa perspectiva de trabalho com a comunicação e aprendizagem; encontros individuais e coletivos com as famílias; visitas domiciliares; visitas semanais as escolas que as crianças estudavam.

Ao fim de cada etapa era confeccionado um relatório descritivo-analítico sobre as práticas realizadas. O corpus deste artigo foi constituído pelos relatórios dos atendimentos as crianças, dos encontros com a família, e encontros com a escola, objetivando analisar a relação entre a família e a escola de crianças com deficiência. Sendo assim, foram analisados 40 relatórios do trabalho com M.F, 41 com V., 36 com M.C e 38 com G. do período de 3 (três) anos.

Cada relatório era lido na íntegra, e com base nas questões de pesquisa os textos eram codificados pela proximidade e frequência dos temas. Logo após, o agrupamento dessas temáticas os dados foram organizados e analisados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para apresentação dos resultados serão apresentadas as temáticas que emergiram dos relatórios, a partir dos núcleos de sentido. Das evidências observadas obteve-se como categorias temáticas finais: Famílias monoparentais femininas e o cuidado com os filhos; o distanciamento entre a família e a escola; a invisibilidade da pessoa com deficiência na família e na escola.

FAMÍLIAS MONOPARENTAIS FEMININAS E O CUIDADO COM OS FILHOS

Ao analisar a configuração familiar dos participantes deste estudo, percebe-se que todos são filhos de pais separados, nas quais a família é monoparental feminina, aquela em que a mulher é chefe de família. O discurso das mães dessas crianças com deficiência, mostrava que sobre elas recaia a obrigação do cuidado e sustento, a afirmativa “mãe é mãe” naturalizava este lugar. Porém, este lugar não é algo restrito a essas famílias, muitas são as análises históricas que retomam a construção dessa trajetória (DIAS; BERGER; LOVISI, 2020).

De acordo com dados do IBGE no Brasil as famílias monoparentais com filhos e chefia feminina representaram cerca de 14,7% dos arranjos (IBGE, Pnad 2022). As famílias monoparentais femininas deste estudo são da periferia urbana e possuem filhos com deficiência.

Trabalhos como de Dias et al., (2020), Rooke; Pereira-Silva; Crolman, & Almeida (2019), tiveram como objeto a dinâmica familiar e escolar de crianças com deficiência. Os autores apontam que, no caso dessas crianças, a mãe é sempre quem fica com a maior parte dos cuidados. Esses resultados coadunam com o que encontramos nessa pesquisa.

O DISTANCIAMENTO ENTRE A FAMÍLIA E A ESCOLA

Na análise da trajetória dos quatro participantes da pesquisa fica nítido que existe um distanciamento na relação entre a família e a escola. Sabe-se que ao analisar essa relação deve-se levar em conta o tipo de envolvimento e a intensidade, que no caso das famílias e escolas dessa pesquisa apresentavam variação.

Muitos estudos ao analisarem a relação escola-família pressupõem dimensões de envolvimento da família e da escola e vice-versa. Na escola a família participaria de reuniões, conversas, eventos, conselho da escola, associações e envolvimento no projeto político pedagógico. No lar as atividades escolares compreendem a um acompanhamento sistemático com os deveres, assistência em trabalhos que envolvam as obrigações escolares (ALMEIDA; FERRAROTO; MALAVASSI, 2017).

Para que a parceria família-escola seja efetiva o espaço dialógico é fundamental. Nas relações vivenciadas entre as famílias e escolas dessa pesquisa, o que era percebido era a falta de diálogo. Existiam conversas, orientações, de ambas as partes, mas faltava o diálogo como força que impulsiona a ação (HABERMAS, 1994).

Voltando aos envolvidos na pesquisa, pergunta-se: Porque as relações entre as escolas e famílias eram distantes? Uma resposta possível seria: não houve uma construção coletiva dos saberes que levasse a uma atitude de cooperação de ações (HABERMAS, 1994). Pelo contrário, havia disputas, busca de culpados, julgamentos precipitados, estavam desligados intersubjetivamente. A distância se dá quando os desejos e ideais se afastam, e quando não se reconhece o outro como parte do processo. Nesta relação à oportunidade de falar precisa ser de todos os envolvidos e, enfim, para que o diálogo se instaure é preciso o desprendimento de

si próprio e o acolhimento à palavra do outro.

A INVISIBILIDADE DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA FAMÍLIA E NA ESCOLA

Durante o trabalho com as famílias observou-se que as crianças nunca participavam das discussões ou decisões. Na verdade, a pessoa com deficiência na sociedade está na condição de invisibilidade, situação que acontece quando a pessoa é retirada, seja intencionalmente ou não, de sua rede social, fazendo com que se torne um subgrupo (BONFIM; MÓL; PINHEIRO, 2021).

A invisibilidade das pessoas com deficiência tem respostas históricas, como a segregação e institucionalização; as crenças e mitos sobre a deficiência; a falta de informação; a priorização por tratamentos de reabilitação ao invés da escolarização; dentre outros. O fato é que quando não tem oportunidade de estar na escola, perde também o direito de conviver com seus pares e de exercer seus direitos (BONFIM et al., 2021).

O fato de serem “invisíveis” é uma das causas das pessoas com deficiência não serem consultadas sobre assuntos que dizem respeito a sua vida. Em muitas situações isso fica nítido, o que também acontece com as crianças com deficiência que participaram dessa pesquisa.

Muitas discussões contemporâneas apontam a importância da participação de todos os envolvidos no processo escolar, o aluno, seja ele quem for, precisa ser ouvido. Hegemonicamente na sociedade o preconceito faz com que as crianças e adolescentes com deficiência não participem do ambiente escolar, por isso na maioria das vezes não se sabe o que pensam, sentem ou desejam (ROOKE et al., 2019).

No caso da pessoa com deficiência o que acontece na maioria das vezes é que ao não ser visto como sujeito desejante, acaba por também não ter o necessário a tornar-se sujeito (COSTA; GONÇALVES; MARQUES, 2020). Tanto a família, quanto a escola ao não reconhecerem que o filho/aluno deve participar ativamente do processo de aprender estão também o retirando do lugar de sujeito desejante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfim, são muitas histórias, relações que se constroem todos os dias, marcadas por diferentes tempos e espaços. Espera-se que a partir da reflexão sobre a relação entre família e escola, seja possível pensar novas práticas e que se dialogue com essas experiências.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F.S. de; FORNASIER, R.C. Fundamentos Epistemológicos da ‘Família em Processo de Mudança’ na Sociedade Contemporânea: Conceitos e Características. **VEREDAS-Revista Interdisciplinar de Humanidades**, v. 5, n. 9, p. 116-138, 2022.

ALMEIDA, L; C. FERRAROTO, L. MALAVASSI, M.M.S. Escola Vista de Fora: o que dizem as famílias? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 649-671, abr./jun. 2017.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BONFIM, C.S.; MÓL, G.S.; PINHEIRO, B.C.S. A (in) visibilidade de pessoas com deficiência visual nas ciências exatas e naturais: percepções e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 27, 2021.

COSTA, C.A.; GONÇALVES, D.P.; MARQUES, W.R. (Orgs.). **Por uma educação para além do básico**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. 162p.

DIAS, F.M.; BERGER, S.M.D.; LOVISI, G.M. Mulheres guerreiras e mães especiais? Reflexões sobre gênero, cuidado e maternidades no contexto de pós-epidemia de zika no Brasil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, 2020.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa: Complementos y estudios previos Madri**. Catedra, 1994.

IBGE. PnadC. **Distribuição percentual das famílias, por tipo de arranjo familiar, segundo sexo do/a chefe de família**. 2022.

ROOKE, M.I.; PEREIRA-SILVA, N. L.; CROLMAN, S. D. R., & ALMEIDA, B. R. Funcionamento familiar e rede social de apoio: famílias com crianças com síndrome de down. Gerais. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, v. 12, n. 1, p. 142-158, 2019.

ROSSETTI-FERREIRA, M.C.; AMORIM, K. D. S., SOARES-SILVA, A. P., & OLIVEIRA, Z. D. M. Desafios metodológicos na perspectiva da rede de significações. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n. 133, p. 147-170, 2008. [HTTPS://DOI.ORG/10.1590/S0100-15742008000100007](https://doi.org/10.1590/S0100-15742008000100007)

TREVISAN, A.L. Autoridade, Violência e Educação. **Pro-Posições**, v. 32, 2021. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2019-0016>

Quadro 1: Dados gerais dos participantes e configuração familiar.

Identificação	Idade	Escolaridade	Diagnóstico	Configuração Familiar
----------------------	--------------	---------------------	--------------------	------------------------------

V.	11 anos	2º ano. Ens. Fundamental	Paralisia Cerebral Atáxica Quadriplégica Moderada	Filho de pais separados. Mora com sua mãe, que é dona de casa, e um irmão adulto. Residem em um bairro periférico. Não possui contato com o genitor.
G.	11 anos	Escola Especial	Paralisia Cerebral Mista Quadriplégica Severa	Filho de pais separados. Mora com sua mãe, que é dona de casa, com o irmão e padastro, em um bairro periférico. Não possui contato com o genitor.
M.C.	12 anos	5º ano. Ens. Fundamental	Paralisia Cerebral Espástica Quadriplégica Severa	Filho de pais separados. Mora com a mãe e irmã em uma cidade do interior do estado de Sergipe. Sua mãe é autônoma e trabalha vendendo alimentos. Possui pouco contato com o genitor.
M.F	8 anos	2º ano. Ens. Fundamental	Transtorno do Espectro do Autismo	Filho de pais separados. Mora com sua mãe, que é dona de casa, em um bairro periférico. Possui pouco contato com o genitor.

Fonte: Banco de dados da pesquisa.